

cadernos
IHU
ideias

**Intermitências no cotidiano:
a clínica como resistência inventiva**

Mário Francis Petry Londero
Simone Mainieri Paulon



Os *Cadernos IHU ideias* apresentam artigos produzidos pelos convidados-palestrantes dos eventos promovidos pelo IHU. A diversidade dos temas, abrangendo as mais diferentes áreas do conhecimento, é um dado a ser destacado nesta publicação, além de seu caráter científico e de agradável leitura.



cadernos **IHU** ideias

Intermitências no cotidiano a clínica como resistência inventiva

Mário Francis Petry Londero
Simone Mainieri Paulon

ano 9 nº 156 2011 ISSN 1679-0316

 UNISINOS

INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

Reitor

Marcelo Fernandes de Aquino, SJ

Vice-reitor

José Ivo Follmann, SJ

Instituto Humanitas Unisinos

Diretor

Inácio Neutzling, SJ

Gerente administrativo

Jacinto Aloisio Schneider

Cadernos IHU ideias

Ano 9 – Nº 156 – 2011

ISSN: 1679-0316

Editor

Prof. Dr. Inácio Neutzling – Unisinos

Conselho editorial

Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta – Unisinos

Prof. MS Gilberto Antônio Faggion – Unisinos

Profa. Dra. Marilene Maia – Unisinos

Dra. Susana Rocca – Unisinos

Profa. Dra. Vera Regina Schmitz – Unisinos

Conselho científico

Prof. Dr. Adriano Naves de Brito – Unisinos – Doutor em Filosofia

Profa. Dra. Angélica Massuquetti – Unisinos – Doutora em Desenvolvimento,
Agricultura e Sociedade

Prof. Dr. Antônio Flávio Pierucci – USP – Livre-docente em Sociologia

Profa. Dra. Berenice Corsetti – Unisinos – Doutora em Educação

Prof. Dr. Gentil Corazza – UFRGS – Doutor em Economia

Profa. Dra. Stela Nazareth Meneghel – UERGS – Doutora em Medicina

Profa. Dra. Suzana Kilpp – Unisinos – Doutora em Comunicação

Responsável técnico

Marcelo Leandro dos Santos

Revisão

Isaque Gomes Correa

Editoração eletrônica

Rafael Tarcísio Forneck

Impressão

Impressos Portão

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Instituto Humanitas Unisinos

Av. Unisinos, 950, 93022-000 São Leopoldo RS Brasil

Tel.: 51.35908223 – Fax: 51.35908467

www.ihu.unisinos.br

INTERMITÊNCIAS NO COTIDIANO A CLÍNICA COMO RESISTÊNCIA INVENTIVA

Mário Francis Petry Londero
Simone Mainieri Paulon

Introdução

Pois é, não é mesmo tão bom falar e pensar sem esforço? O lugar-comum é a base da sociedade, a sua política, a sua filosofia, a segurança das instituições. Ninguém é levado a sério com ideias originais.

(Mário Quintana – Prosa e Verso)

O presente artigo¹ versa sobre as possibilidades da clínica psicológica na atualidade, além de ter a intenção de examinar genealogicamente os acontecimentos que vieram a traçar o fazer clínico a partir da produção burguesa em sua demanda de docilização dos corpos. Isto certamente trouxe efeitos para tal prática de cuidado, colocando-a num lugar de reprodução de certo *modus operandi* capitalista/burguês. Desta forma, viemos tensionar² à prática clínica na atualidade ao pensarmos sua produção ética a partir de uma escuta que se propõe resistente às amarras de uma sociedade de controle que permite pouco espaço para a diferença, a saber, que limita o humano aos bens de consumo oferecidos pela lógica capitalista.

Para desenvolver tal temática, utilizamos o método cartográfico ao trazer cenas dos encontros clínicos vivenciados pelo pesquisador, com a intenção de produzir movimentos no fazer clínico a partir das paisagens afetivas que entram em jogo no processo da escuta analítica. Além disso, agenciamos a proposta de pensar o fazer clínico a conteúdos oriundos da literatura e

1 Resultado da dissertação de mestrado acadêmico de Mário Francis Petry Londero, orientado pela professora Dr^a Simone Mainieri Paulon junto ao Programa de Pós-Graduação de Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Título *O acontecer na clínica: quando o criar resiste ao cotidiano*. Abril de 2011, com o auxílio financeiro da Capes.

2 Apesar desse verbo não constar no dicionário, referimo-nos a ele no sentido advindo de tensão, diferente de tencionar, que significa projetar, planejar, ter a intenção de.

do cinema que produzem deslocamentos ao problematizarem a sociedade em seus mecanismos de controle.

A escrita nessa proposta cartográfica ganha movimento, torna-se um “processo” como descrevera Deleuze (1997, p. 11), “uma passagem de Vida que atravessa o vivível e o vivido” em suas infinitas possibilidades de existência que se formam na medida em que se agenciam os encontros. Vivível e vivido – o que foi vivido e o que pode ser vivível diante da imaginação possibilitada pelos personagens que se encontram na clínica. São personagens permeando pessoas, rondando a clínica com a qual se esbarram ao produzir outros possíveis. Essa escrita em processos se faz no escopo de pensar a clínica diante das cenas que a perpassam e a tensionam, compondo saberes que conduzam a deslocamentos no que se encontra de alguma forma nela instituído.

Nesse sentido, a produção cartográfica entra em jogo, “explorando os meios em seus trajetos dinâmicos que perpassam a clínica ao traçar um mapa” afetivo que corresponda a tal intervenção (DELEUZE, 1997, p. 73). É um traçar mapas que se “confunde não só com a subjetividade dos que percorrem um meio mas com a subjetividade do próprio meio, uma vez que este se reflete naqueles que o percorrem” (DELEUZE, *ibidem*, p. 73). Constitui-se, portanto, numa produção de subjetividade que destoa do que até então se fazia presente entre os personagens e o próprio meio em que se estava a interferir. Como anunciado por Rolnik (1989, p. 15), na cartografia trata-se de expressar “afetos contemporâneos em relação aos quais os universos antes vigentes tornaram-se obsoletos”, num “deformar mundos” à medida que se criam outros sentidos.

Na intenção de deformar o mundo clínico para que disso se sobressaíam outros possíveis no trajeto da escuta analítica, iniciamos o texto a partir de um encontro terapêutico e suas possíveis misturas junto ao filme “Melhor Impossível”.³

Desamparar num arriscar-se na fragilidade

[...] e quem é triste não pode esforçar-se. Nem mesmo abdicado daqueles gestos banais da vida de que eu tanto queria abdicar. Abdicar é um esforço, e eu não possuo o de alma com que esforçar-me.

(Fernando Pessoa – Livro do desassossego)

A vida, tomada em seu sentido de criação, percorre e transborda todos os espaços do vivo. Ela se faz enquanto produção de viveres, infinita criação de possíveis se encontrando no limiar do que está parado e do que não se cansa de avançar. A vida

3 Filme norte-americano de 1997, dirigido por James L. Brooks. No original, *As good as it gets*.

pulsa, não se enfada de viver. Entretanto, tal processo pulsante em certos momentos se apresenta em vias de estagnação, congelado pelos modos com que se estabelecem as relações em determinada sociedade. O cotidianizar-se parece algo desejoso.

É fácil elencar milhares de vivências que passam despercebidas pelo cotidiano. O inusitado, sempre à espreita, ganha uma invisibilidade, empobrecido na potência de transformação do viver. A comodidade efetuada na vida de qualquer humano, ao mesmo tempo em que traz consigo pontos de referência para se viver, em muitas ocasiões, acaba por produzir também uma impotência para o criar. Para que tomarmos o cotidiano como o natural da vida? Será que não existem outros possíveis além dos já traçados que se tornam, muitas vezes, um fardo de tão banais?

Na trama dos personagens que percorrem a clínica aqui tratada, um menino e um filme chamam a atenção no que diz respeito ao desamparo que neles se ergue ao se depararem com o que sai do controle – do mundo já empoeirado e cinzento –, justamente pela dificuldade de se relacionarem com a vida no que ela tem de incomum.

Conheci o menino em atendimentos realizados nos arredores de sua casa na prática do acompanhamento terapêutico (A.T.).⁴ Em razão de seu sofrimento, em sua tenra infância, classificaram-no com o transtorno obsessivo-compulsivo (TOC). Recordando nossos primeiros encontros, prontamente decorrem pensamentos que me tomavam ao cursar com ele a sua casa: sentimento de marasmo, de vida assustada por não sair do lugar, de horas que não passavam na companhia de uma criança pouco acostumada a brincar. Como Bloch (2005, p. 30) afirma, “brincar é transformar, ainda que na certeza de voltar a ser o que era antes”. E parecia que essa dúvida de conseguir voltar ao habitual caso se arriscasse em brincadeiras – em viver o lúdico da vida –, percorria o corpo do menino, deixando-o na iminência de um sentimento de desamparo. O lúdico desampara, pois, nele, resignificamos nossas relações a partir do próprio brincar. Menino que em seus primeiros atos dirigidos a nossa relação me fazia lembrar Melvin Udall.⁵ Duas vidas em uma mesma trama de sofrimentos: o velho Melvin Udall (personagem do filme) e o novato

4 Modalidade clínica que usa como campo de intervenção os próprios espaços do cotidiano do paciente, saindo da lógica da clínica entre quatro paredes, do *setting*-consultório.

5 Personagem interpretado por Jack Nicholson no Filme *Melhor Impossível*: racista, homólogo e antisemita que trabalha em casa como um escritor de romances em Nova Iorque. Ele sofre de transtorno-obsessivo-compulsivo e vê sua vida transformada ao se apaixonar pela garçonne Carol Cornnelly (Helen Hunt) do restaurante que sempre vai, no qual senta sempre na mesma mesa, sendo atendido sempre pela mesma garçonne que é a única pessoa que tolera seu comportamento obsessivo.

Melvin (como passarei a denominar o menino que acompanhei). Uma mistura entre eles que agora se fará presente!

O Melvin novato, em sua vida, não fazia mais do que se “enTOCar” a partir dos rituais obsessivos que criara para enfrentar o mundo com o qual se relacionava de maneira sempre desconfiada. Seu TOC o fazia viver de maneira trancafiada, sem a possibilidade de nenhuma aproximação com outras pessoas, enfim, com relações que poderiam lhe trazer transtornos em sua vida, já que elas produzem o movimento de troca e por isso de transformação. Era incrível a falta de imaginação que percorria a atmosfera de nossos ensaios perante as possibilidades que talvez tivéssemos a inventar. Brincadeiras abortadas, gritos e xingamentos em defesa de seu território duro que não deixava adentrar e sempre o atrelamento com sua mãe superprotetora. Na maioria das vezes, a única saída para termos um pouco de fluidez nos encontros era seu videogame altamente moderno com o qual o novo Melvin se tornava poderoso, talentoso e, novamente, reestabelecendo de seu cotidiano tão desejado.

Era quase impossível escapar da armadilha repetitiva sempre colocada quando chegava em sua casa, mesmo após o período de aproximação no começo do acompanhamento, no qual começava a sentir um desejo de algo novo no interior da relação que ali se tecia. Sua vida se passava no previsível e por isso mesmo tinha ares de enfadonha. Melvin vai sentido o marasmo disso, se angustia pela sua falta de abertura ao que é novo para o que difere de seus rituais de controle. Com o desenrolar dos encontros, com muita sutileza compartilhada, fomos tentando mudar isso, mesmo que melhor que aquilo que se apresentava fosse praticamente impossível de se vislumbrar em Melvin.

Apostando numa brecha em suas desgastadas repetições do mesmo, explorei junto a Melvin seu universo imaginário que se fazia via videogame. Depois de algum tempo manuseando um jogo com personagens *skatistas*, uma vontade diferente do que até então era o possível começava a se instalar e vivenciávamos isso através dos jogos a fim de transpassar seus mecanismos de cotidianização do porvir.

Pergunto ao garoto que se divertia com suas manobras virtuais no *skate* se não tinha interesse em experimentar isso de verdade. Como no caso do Melvin velho – que em seu encantamento por sua amada garçonete começa a se colocar para fora de sua casa e de seus romances –, nosso novato Melvin ficara tomado por um brilho no olhar, e um espaço propício para a invenção se agenciava na microscopia dos novos afetos agora instigados. Como comenta Kupermann (2003, p. 55), o *setting* clínico, junto de quem está a padecer, deve “favorecer a emergência da palavra-ato, da palavra acompanhada da carga afetiva que lhe permite ressignificar a existência”, criando espaços fora do que se tinha presente como constituição do sujeito. E, justa-

mente, no espaço repetitivo comandado por Melvin conseguimos estabelecer um contato para, em breve, forjarmos um furo em sua cotidianidade.

Contudo, abdicar dos gestos banais não é nada fácil como Fernando Pessoa poetizou, pois exige um esforço de desapego em relação aos traçados – corroídos pelo que é igual – com os quais já se acostumara. Sousa (2009, p. 62) entende que “nossos sintomas não deixam de ser uma espécie de cegueira que simulamos para nos proteger do excesso de paisagem/realidade”, que, caso não absorvidas e controladas, poder-nos-ia levar ao caos em nós num desabamento do mundo que nos habituamos. Ao se habituar aos gestos e circuitos repetitivos de maneira a negar qualquer perspectiva inusitada, acabamos por produzir uma espécie de cegueira que dificulta o vislumbamento de algo novo a se arriscar em vida. Há, nesse habituar-se em demasia, uma produção de sofrimento, uma espécie de anestesiamento junto do plano virtual das singularidades que permitiria uma relação de atualização do sujeito em seu repertório de vivências.

Com Melvin não foi diferente; foram diversos encontros para nos aventurar a andar de *skate*. O medo de cair era grande e seu retorno para o videogame se tornava frequente. Sua angústia de se deparar com a mínima possibilidade de inventar novos territórios existenciais que lhe permitissem sair de seu marasmo familiar o fazia recuar na mais breve ameaça de cair. Para Sousa (2008, p. 2), o “familiar é uma espécie de burocratização do amanhã, já que é território do mesmo, da reiteração de circuitos repetitivos”, com o qual a angústia em se forjar um contraponto nessa sequência do mesmo se torna um ato que só se efetua com o que está na ordem do inominável, do impensável. Um desamparar-se frente à perda de certa realidade familiar até ali produzida e solidificada estava a urgir...

Fora necessário um ensaiar interminável para que Melvin experimentasse a potência que sentia de seus jogos eletrônicos em si mesmo. Seus tiques nervosos aumentavam a cada possibilidade quase criada que acabava por fracassar. Os espasmos que mal controlava pareciam denunciar um corpo em sofrimento que estava a ponto de se superar e, por isso mesmo, de lidar com o movimento oferecido pelas transformações. Tal processo não se esgotava; era demorado e doloroso; um morrer para se fazer nascer na diferença que se tentava construir. Como escrevera Lispector (1973, p. 75), a “dor é vida exacerbada. O processo dói. É o espreguiçamento amplo até onde a pessoa pode se esticar”.

Certo dia, novamente contaminado pela atmosfera de estagnação em que a relação entrou devido às repetitivas tentativas até então com ares de fracasso no *skate*, cheguei um tanto esgotado para o nosso encontro. Sentia no corpo e nas ideias a desistência por produzir algo fora do cotidiano ali cristalizado.

No entanto, isso me permitia relaxar e simplesmente testemunhar os ensaios de Melvin no *skate* e seus recuos estratégicos junto ao videogame. Ele já sabia o caminho e se encontrava esgotado pela invariabilidade que constituía para si nas relações que a todo custo tentava controlar. Do esgotamento o ato! Ao “esgotarmos todo o possível” (DELEUZE, 2010, p. 67), esgotamos naquele encontro o medo e o controle seletivo frente ao inesperado que Melvin aperfeiçoara ao longo do tempo e que insistia em utilizar ao se sentir ameaçado por um processo de vir a ser. Melvin forja uma tentativa de ser somente ato a partir da saturação do possível que sentiu em seu corpo.

Percorrermos, então, no dia do esgotamento, o calçadão na beira de um rio próximo de sua casa. Como já era de hábito, Melvin levava seu *skate* em suas mãos para passear. Incrédulo no que estaria a ajudá-lo passava em meus pensamentos uma indagação que já persistia há tempos: que ânsia era aquela de preservar-se no cotidiano arriscando se enfraquecer em suas possibilidades de relação com novos encontros que, no entanto e ao mesmo tempo, parecia desejar num aventurar-se junto a rumos que vislumbrassem novos possíveis em sua história? Enquanto caminhava ao seu lado com essa pergunta incômoda e sem conseguir abrir minha boca, o garoto opta por diferir de seu já seguro hábito e pensa em andar no *skate*. Há uma surpresa no ar; assusto-me, quase digo a ele que deveria treinar mais. Contudo, logo tento me acalmar com tamanha novidade e lhe incentivo: vamos lá! E ele foi com a coragem de quem enlouquece seu cotidiano e suas regras básicas em busca de esticar a si mesmo. Partiu ferozmente que sequer ao menos observou que, logo à frente, existia uma descida complicada para se manobrar numa primeira experiência que estava inventando neste acoplamento: Melvin-skate-inesperado. É claro, que ao final da lombada, como ele mesmo previa em seu medo que o levava a burocratizar os efeitos criativos em sua vida, acabara por cair. Logo surgiu a sensação de desamparo num primeiro instante, mas também ficara atônito com o que nunca tinha pensado ser possível acontecer.

Kupermann (2005, p. 77) atribui ao “desamparo” um lugar paradoxal, pois é nele que se encontra a fragilidade do sujeito, tanto para um possível esfacelamento como para uma “condição de criação de novos territórios existenciais”. A questão, no caso da clínica, seria a de possibilitar esse desamparo de maneira acolhedora junto à fragilização produzida no que era tido como o eu do sujeito, multiplicando seus territórios existenciais. Trabalho que exige tempo de maturação. Em muitos casos, como no de Melvin, acompanhar seus ensaios e seu ato de desdobramento de si mesmo fazia parte de um preparo para chegar a esse sensível do humano em seu desamparo. “Acompanhar as cenas que, a princípio, não possuem um sentido evi-

dente”, mas que, ao partirem do caos, reconstróem formas de ser e de habitar o espaço do vivente que até então não se imaginava (PAVLOVSKY, 1995, p. 54). Nesse sentido, Coelho (2006, p. 37) nos remete a pensar sobre o acolhimento no espaço clínico:

Compreender que quando alguém vive um momento de crise, vive também a queda ou o esfacelamento de uma de suas possibilidades de existir, nos permite não só ampará-lo na queda, mas ajudá-lo a efetivar outros chãos, outros jeitos de viver, de funcionar, auxiliando-o a sustentar a vida em seu movimento de expansão.

A clínica, então, passa-se nessa acolhida que percorre um movimento de fragilização do sujeito até seu ponto máximo, no qual seus chãos solidificados estão a se esvaír, permitindo assim, a construção de territórios existenciais nascentes que tomam conta do vazio deixado pelo solo a pouco de(s)formado. A fragilidade é a maior potência quando bem acolhida!

Nesse instante, no qual elevamos nossa relação para além do velho cotidiano, testemunhava, junto a Melvin, um ato de abertura para o plano virtual das singularidades nascentes. O impensável entra em jogo para daí poder criar existências que resistam ao cotidiano. A partir dessa abertura ao “domínio do virtual” (PELBART, 2004, p. 64), independentemente do que ocorresse, o garoto, ao menos por um instante, saboreou a sensação de liberdade na experimentação que propiciou uma exceção em seu mundo burocratizado. Não à toa, quando chego para ampará-lo de seu tombo, Melvin exclama: *Quero mais!* No mesmo minuto, damos risadas e lhe dou os parabéns pelo primeiro tombo de vários que viriam...

Nosso Melvin velho da mesma forma se eleva sobre si mesmo, na última e derradeira cena do filme, conseguindo expressar em palavras tudo o que sentia por sua amada. Nesse momento em que esquece sua patologia já tão marcada em si mesmo, ultrapassa-se, mesmo que apenas por um instante, apagando seu passado de controle e deixando que o presente se entregue ao futuro de maneira imponderável. O personagem até se dá ao luxo de sentir prazer em pisar nos “entres” das lajes das calçadas sobre as quais, até então, tinha pavor de caminhar. Seu ‘Eu’, marcado e identitário, foi dar uma volta e viu o quanto é prazeroso passear por horizontes diferentes daqueles já percorridos milhares de vezes.

O que podemos observar nessa trama de sofrimentos que os dois Melvins enunciam? Não retratariam um modo de viver em nossa sociedade? É possível pensar que eles mostram, de maneira sintomática, o estrangulamento que o cotidianizar-se traz junto ao que se apresenta como inesperado e incontrolável que também fazem parte da trama de qualquer sujeito em vida?

Uma sociedade que a todo custo tenta domar cada ato e desvio imaginado no viver, parece entrar em pânico quando algo da ordem do impensável lhe invade. Mania agora propagada pelos meios midiáticos e amparada por uma ciência cada vez mais perspicaz em sua busca de controle sobre a vida. Ficamos num movimento imóvel e pouco criativo – desamparados negativamente –, abarcados pelo sentimento da não possibilidade de se viver sem os ditames ou anestésicos que a todo o momento se ofertam contra qualquer mal, dor e enfrentamento que nos angustie devido ao seu ineditismo. Nietzsche (2004, p. 39) denunciava esse abuso em seu tempo, no qual os homens de bem eram os que a tudo conservavam e que a qualquer ato inovador reagiam de maneira a proteger sua boa e antiga ordem. Leiamos o filósofo do martelo:

O novo, em todas as circunstâncias, é o mal, pois é aquilo que deseja conquistar, derrubar os marcos fronteirços, abater as antigas crenças; somente o antigo é o bem! Os homens de bem em todas as épocas, são aqueles que implantam profundamente as velhas ideias para lhes dar fruto, são os cultivadores do espírito.

Contudo, tal cultivador do espírito voltado para as velhas ideias se torna estreito, indisposto a se estender sobre aquilo que se apresenta como possibilidade de novidade, como força que quer avançar as fronteiras modificando-as. Pelbart (1993, p. 57) entende que “os homens de bem”, encarnados pela “mídia” na atualidade, a toda hora tentam ofertar um “presente sem espessura, uma imagem imóvel de uma eternidade”. Um presente eternamente igual, sem os solavancos que o contato com o porvir nos instiga, presente nulo, que comprime quaisquer arestas que venham a deformar tal cotidiano naturalizado. Forrester (2001, p. 181) comenta essa compressão produzida em toda questão que possa vir a nos arrebatador dolorosamente:

É como se não conseguíssemos suportar um intervalo de tempo no qual fosse necessário aguentar o peso de uma questão dolorosa, sem acreditar que ela já esteja resolvida e tomar partido sem ter previamente a garantia de acertar.

Podemos observar isso que a autora traz em nossos companheiros-personagens até aqui apresentados, no assombro perante o que não tem solução pronta, ao que sai da mesmice dos circuitos já dotados de um saber previsível. Os Melvins mostram o quanto o ser humano é capaz de se apequenar diante do imponderável, abortando qualquer passo a ser dado para criar a si em seus prováveis erros e fracassos de que o mundo não ideal e controlável oferece. Nesse sentido, o sujeito e o que está à sua volta se paralisam, havendo um congelamento no processo de viver, o que podemos entender ser a própria produção de padecimentos, ou seja, a recusa em abrir-se ao inesperado é a pró-

pria doença, a “interrupção do processo de vida” (MACHADO, 2009, p. 216).

Nossos personagens expressam em seus sofrimentos a mais dura forma da “burocratização do amanhã” (SOUSA, 2008, p. 7), com um feitiço extremado lidam em seus percursos quase sempre fechados para a produção do vir a ser. No entanto, tal maneira de se fazer no mundo não é algo pertencente aos Melvins, mas sim uma produção sócio-histórica cujos fios estão conectados à formação do mundo capitalista. Nossa sociedade capitalista demandou desde seus primeiros passos o “controle do tempo, daquilo que temos como mais precioso e que repentinamente nos vemos literalmente atropelados por ritmos de funcionamento que organizam nossa vida e nossa morte” (idem, ibidem), assim como o controle do espaço, delimitando cada ato possível a ser feito pelos indivíduos disciplinarizados.

Como podemos ver, essa produção social de disciplinar e controlar o cotidiano a partir dos corpos de cada integrante da sociedade, burocratizando-os numa perspectiva nula para a produção de inusitados, é algo que na atualidade se torna corriqueiro, o que faz tal sintomática uma expressão do social na qual a clínica está imbricada. Nesse sentido, o que a clínica tem a dizer desse sujeito raptado pelo cotidiano? Qual sua relação com essa produção sócio-histórica de burocratizar o amanhã?

Diante dessa problemática, passamos para a próxima parte com a intenção de percorrermos essa produção sócio-histórica do sistema capitalista que, em sua docilização dos corpos, parece tentar adestrá-los junto ao que interessa em termos de produção e lucro. Independentemente dos efeitos que isso possa trazer ao homem em sua relação com o inesperado, no qual parece amordaçá-lo, ao produzir um controle no porvir.

Rir do que nos impede de voar!

Sua meta não é a anarquia, e sim a estabilidade social. É para alcançar essa estabilidade que eles realizam, por meios científicos, a revolução última, pessoal, verdadeiramente revolucionária.

(Prefácio de Aldous Huxley em Admirável mundo novo)

Trabalhei por algum tempo junto a grupos de convivência que tinham como intenção propiciar um espaço aberto para as relações e o que elas implicariam em termos de convivência. O processo grupal era tramado a partir do que os integrantes tivessem vontade de experimentar, inventando espaços para produções das mais complexas em termos de trabalhos artísticos, jogos, culinária, passeios ou mesmo possibilitando atividades amenas, do dia a dia, mas que estabelecessem um bom encontro para diferir um pouco do que o grupo parecia viver em outros lugares de suas vidas. No caso, um lugar para a composição de

expressividades grupais que proporcionassem inovações nos modos de viver de cada integrante.

Um dos grupos formados do qual participava passou por um período de transformações diante da entrada de novos membros. Em certo momento, ficara repleto de pessoas advindas de uma “casa de recuperação para drogados”, que também era chamada de residencial terapêutico, de acordo com a proposta da reforma psiquiátrica brasileira.⁶ Tal grupo ainda possuía integrantes que já estavam há mais tempo e que, portanto, tinham toda uma relação estabelecida com a atividade musical ali inserida. Eram encontros de experimentação musical, produções sonoras entre os pares que ali se faziam e com os quais se criavam muitas composições próprias misturadas às canções que estavam rodando na mídia. Momento divertido, criativo, de boas risadas e de variações de ritmos e poéticas que emergiam naquela relação grupal. Grupo que se fazia leve!

Contudo, com a entrada dos moradores do residencial terapêutico, o grupo sofreu uma virada. Claro que não poderia deixar de ser diferente, afinal, toda entrada e saída de integrantes que participam de uma relação traz mudanças, diferenças inovadoras que podem produzir vigor ou fraqueza no campo relacional.

Nesse sentido, os moradores do residencial vinham com uma lógica arraigada numa normatização proibitiva. Tudo se articulando primeiramente pela palavra *não*: *não* poderia se dividir o dinheiro do lanche que comprávamos na vizinhança; *não* era permitido falar palavrões; *não* se poderia ficar sozinho para não acontecer riscos de fugas; enfim, uma sequência de proibições que transformaram as relações que se davam naquele grupo. Num primeiro momento, nós terapeutas nos assustamos, pois abraçamos junto ao grupo que até então tinha um bom desenrolar pessoas que pareciam estar em outra lógica com a qual ainda estávamos tateando para lidar. Sabíamos que o residencial funcionava de maneira normativa diante de seus moradores. Entretanto, resolvemos arriscar, já que entendíamos que dentro do nosso grupo haveria espaço para outros possíveis. O que com o tempo poderia ser uma estratégia para produzir mudanças nessas relações advindas do residencial.

Todavia, com o passar dos encontros, começávamos a perceber que mesmo sem a presença de um cuidador do residencial que possuía a prática do manejo proibitivo, os moradores aderiram a tal procedimento de controle com muita força e, eles mesmos, se colocavam no papel de proibidores das ações de seus colegas de residência. Um vigiava o outro. Até mesmo os tera-

6 A reforma psiquiátrica brasileira propõe uma vasta rede de cuidado em saúde mental em substituição ao modelo hospitalocêntrico anteriormente adotado. Dentro dessa rede proposta em 2000, através da Portaria 106/2000, são criados os residenciais terapêuticos para abrigar egressos de manicômios.

peutas e o restante do grupo eram acometidos pelas indagações constrangedoras e proibitivas que ali estavam a se gerar.

Apenas um dos moradores do residencial entre todos que vinham para o grupo de convivência resistia a essas proibições, o que certamente o fazia ser o anunciador de toda uma demanda invisível, a qual estava ali oportunizando uma zona para novas experimentações. Ele falava do lugar daquele que estava cansado de tantas proibições, de tantas ameaças para que se comportasse de acordo com as normas. Falava como aquele que persiste em não se adaptar a um funcionamento imposto e com pouco horizonte para o diálogo. Ele falava de seu imenso cansaço a viver uma vida de tantos *nãos*!

O interessante é que ele era uma espécie de morador perpétuo do residencial, já que sua família o deixara sobre os cuidados da “Dotora”.⁷ José⁸ era um senhor de idade avançada com algum grau de retardo e que a cuidadora responsável nunca soube nos informar por certo qual seria o seu diagnóstico. Não que isso importasse para o acolhermos junto ao grupo. Senhor alegre, conectado a todas as nuances que perpassavam o grupo com piadas para todas as horas e com certa falta em conter seus palavrões e seus apetites sexuais. A qualquer momento soltava uma piada, palavrão ou tentativa de seduzir alguma colega do grupo. Nada agressivo, em suas falas e atitudes lembrava os bons comediantes a ensinar aos outros a comédia que é a própria vida. Na maioria das vezes nos fazia rir quando não instantaneamente reprimido. O que ele enunciava para haver tamanho rechaço entre seus colegas?

A cada ato seu que desagradasse seus vizinhos de residencial, estes lhe ameaçavam com a seguinte frase: *Eu vô conta pra dotora!* José, que já tinha olhos grandes, os arregalava ainda mais e por um instante se aquietava; pedia para que não falassem nada, que ficaria calado, etc. Tudo na melhor classe que possuía como um bom italiano que se intitulava: *Italiano da máfia que é tuto bona gente!*

Com o passar do tempo esse jargão ameaçador já circulava por todos no grupo e, como sempre, no mínimo risco de se burlar alguma regra posta pelo residencial mesmo fora dele, ele era chamado a auxiliar como uma varinha apontada para uma criança travessa. O residencial realmente tinha um artefato muito bem sustentado no âmage de todos os seus moradores para quando as coisas saíssem dos eixos.

Certo dia, num dos encontros do grupo de convivência, estávamos no horário de reunião grupal com todos os integrantes a cantarolar músicas e a inventar letras. José, em seu ritmo fre-

7 Termo usado pelos moradores para designar a médica responsável pelo residencial terapêutico.

8 Nome fictício.

nético, não parava de falar em meio às músicas, indo até um ou a outro colega para contar alguma piada. Nos intervalos das músicas, ele interrompia o andamento para falar algo para todo o grupo. Até que certa hora uma das moradoras do residencial, já irritada, expressa a frase-jargão instituída com seu poder de estancar a desordem. Porém, seu efeito amordaçante naquele momento se desfez, pois, ao anunciá-la diante do grupo embalado pelas músicas, o que se criou foi uma bela melodia com um refrão inspiradíssimo: *Eu vô conta pra dotora*. E não parávamos mais virando quase que um hino: *Eu vô conta pra dotora; eu vô conta pra dotora...*

O grupo inteiro entoou tal canto de maneira tão engraçada que mesmo os mais duros e utilizadores da frase riam e cantavam juntos. Com o seu José colocando suas frases e piadas de efeito nos entre meios da música e de seu refrão potente. Uma música se compunha, uma frase era ressignificada, um sentimento de ameaça vira uma risada deliberada: um riso cantado estoura o anseio pela liberdade!

Depois desse ato de desvio em relação à frase ameaçadora o grupo pôde dar sequência a seus encontros de maneira mais leve. Não que os marasmos de controle daquilo que saísse das regras fosse abolido, no caso, essa produção normativa sempre se posiciona à espreita para abortar qualquer saída fora das normas.

O estranho ou o óbvio nisso tudo é que a “dotora” acabou sabendo da música em homenagem à técnica utilizada para o controle dos moradores que ela “administrava”. E, tomando consciência disso, achou tal música engraçada, sem demonstrar nenhum ânimo contrário pelo o que a canção emitia em sua negação ao controle. Uma espécie de naturalização e desdém ela expressava em relação à crítica ali levantada perante o modo de conduzir a sua clínica. Será que estava a pensar que seus métodos de cuidado/controlado estavam tendo o sucesso esperado?

Ao que parece, essa atitude da “dotora” mostra o simples fato da naturalização deste lugar policialesco que a psiquiatria e toda a dimensão clínica absorveram ao longo dos anos em sua relação com o social numa produção normativa do mesmo. Lugar que, mesmo aqueles que não executam tal papel normativo, são alimentados por ele e o exercem perante os que tentam desviá-lo. É só vermos o quanto os moradores do próprio residencial utilizavam de tal perspectiva para vigiar a si e aos outros mesmo sem a presença da “dotora”. Da mesma forma, é importante lembrar o quanto a abertura dos residenciais terapêuticos esteve/está ligada a todo um processo de desinstitucionalização da loucura junto à reforma psiquiátrica, numa proposta que justamente se contrapunha a qualquer tipo de relação terapêutica baseada em constrangimentos e punições e que em si busca uma relação de cuidado que divirja à tutelação do indivíduo. No fim

das contas, em muitos lugares o que vemos novamente é o restabelecimento de práticas ligadas a uma lógica manicomial, havendo então uma reterritorialização do mesmo, porém mudando um pouco da roupagem utilizada. Os mecanismos de controle persistem perante o que destoa à sua proposta!

Em História da Loucura, Foucault (2008, p. 410) nos remete a todo um clima de “perseguição, denúncia, prisão, adaptação moral e produtiva que o período clássico constituiu” a fim de dar sustentação a uma máquina burguesa/industrial nascente, no qual a psiquiatria tecera seus fios primeiros em conjunto com a moral religiosa e policiaesca para suprimir todo ato de desvio e loucura.

No período clássico tratado por Foucault (cf. FOUCAULT, 2008; 2009), na edificação da sociedade industrial no ocidente, tinha-se como intenção a “docilização dos corpos” para seu bom uso no que tange a dinâmica social burguesa. Podemos observar o quanto essa sociedade disciplinar, como Foucault a intitula, elegeu como tática a produção de identidades, de lugares duros, que dariam conta do que na época nascente da burguesia se estava a requerer.

Os indivíduos desregrados em relação ao sistema capitalista principiante começam a ganhar forma na fôrma estratégica que se armou para dar conta da produção: escolas, aprisionamentos e fábricas ganham um contorno institucional nunca antes visto. O que a sociedade burguesa produziu foram instituições com fins de “integrar as circunstâncias em um sistema de antecipação” (DELEUZE, 2006, p. 31), com o qual poderia direcionar cada ato que saísse da padronização acordada junto aos contratos institucionais que se faziam vigentes. Os espaços se distribuem, se destacam em relação a um caos precedente e o indivíduo é abocanhado por isso. Ele é revestido por roupagens justas aos seus corpos, ganha identidades e passa a agir de acordo com elas. Toda uma gama de ações começa a ser instalada para dar conta dessa demanda como descreve Deleuze (1992, p. 219):

Elas procedem à organização dos grandes meios de confinamento. O indivíduo não cessa de passar de um espaço fechado a outro, cada um com suas leis: primeiro a família, depois a escola [...] depois a fábrica, de vez em quando o hospital, eventualmente a prisão, que é o meio de confinamento por excelência.

Uma época em que a burguesia iniciava sua crescente conquista de espaço no seio da sociedade e com a qual travava uma batalha por disciplinar seus integrantes em busca de uma adaptação para a produção industrial. Diante desse panorama, não se tinha mais espaço para imagens bucólicas, com seus campos e castelos da idade média, o que se precisava era “educar”

a sociedade para um modelo em vias de se instaurar. No que se efetivou a partir do esvaziamento dos espaços pouco separados e herdados junto aos feudos para assim constituir espaços segmentados, divididos entre as tarefas que um “bom” homem da sociedade burguesa teria de cumprir. Esse esquadrinhaamento do social é comentado por Deleuze e Guattari (1996, p. 84):

A segmentaridade pertence a todos os estratos que nos compõem. Habitar, circular, trabalhar, brincar: o vivido é segmentarizado espacial e socialmente. A casa é segmentarizada conforme a destinação de seus cômodos; as ruas, conforme a ordem da cidade; a fábrica, conforme a natureza dos trabalhos e das operações.

No caso, insurgiam no berço da sociedade burguesa instituições para dar conta, direção e meios disciplinares como descreve Deleuze (1955/2006, p. 31) ao pensar a intenção da fundação de instituições que nos norteariam:

Toda instituição impõe ao nosso corpo, mesmo em suas estruturas involuntárias, uma série de modelos, e dão à nossa inteligência um saber, uma possibilidade de prever e de projetar. Reencontramos a seguinte conclusão: o homem não tem instintos, ele faz instituições.

Ou seja, coloca-se cada um no “seu quadrado”, ou, em outras palavras, segmentariza-se todo o processo cotidiano do viver na intenção de prever e manipular qualquer acontecer que tivesse como efeito uma fuga do formatado. Diante dessa perspectiva tramada eram destinados os confinamentos para aqueles que não se adaptassem com essa nova roupagem burguesa/industrial, lógica que surge para lidar com os desajustados da sociedade, instaurando-se como “um aparelho punitivo, um dispositivo de seleção entre os normais e os anormais” (FOUCAULT, 1979, p. 150). Atrás dessa onda burguesa a transformar a sociedade em seus mais variados campos de saber, a psiquiatria inicia sua caminhada diante do “conhecimento sobre a loucura”, começando a tomar para si um lugar antes destinado ao “imponderável poder divino e às forças da natureza” (FOUCAULT, 2008, p. 15).

Nessa conjunção psiquiatria/burguesia/ciência, a produção do saber sobre a loucura, sobre os loucos e sobre os inadaptados ao sistema se deu no intuito de adaptar ou isolar aqueles que não tinham probabilidade de estar girando a máquina burguesa/industrial. Aí também está o solo primeiro da clínica e o início de uma disciplina chamada psicologia, que em seu nascimento, como não poderia deixar de ser, se produziu nessa condição de ciência a estudar a adaptação do homem ao sistema burguês em vias de dominação. A psicologia, como todas as outras ciências que nasciam para intervir no campo social da época, compra essa lógica, ou melhor, é financiada por tal e se

adéqua ao sistema produtivo disciplinar, na medida em que enquadra os indivíduos que fogem desse funcionamento moldurante de identidades. Nessa lógica, a doença psíquica é tomada como resultado de uma inadequação do indivíduo frente ao sistema, e a clínica aposta no adestramento desse inadequado – a imprevisibilidade humana. Como Silva e Nardi (2004, p. 3) comentam:

os desenvolvimentos iniciais de uma psicologia científica na virada do século XIX para o século XX estariam já relacionados à criação de um conjunto de técnicas voltadas para o indivíduo visando “adaptá-lo” socialmente, ou seja, a problemática inicial que atravessa o campo de investigação da psicologia moderna aparece relacionada a uma série de questões de ordem social: adaptação da criança ao universo escolar, adaptação das pessoas ao mundo do trabalho através da seleção e orientação profissional, etc.

Adaptar, adaptar... Eis a ética colocada para a clínica em sua colaboração para a produção de uma sociedade disciplinar. Não é de se estranhar, então, quando vemos a naturalização de uma prática clínica tão violenta para com o sujeito até os dias de hoje como foi o caso da ameaça: *Eu vô conta pra dotora*. Ela somente expõe os efeitos de um processo de subjetivação de longa data no qual uma clínica homogeneizante e de senso comum se passa num movimento moral, coercitivo e adaptativo. O sujeito ainda é refém de lugares e atitudes estáveis perante a sociedade para ser julgado como adequado à mesma.

Contudo, esse processo de domesticação social ante a disciplinarização dos corpos vai ganhando um aceleração, no qual as instituições referentes ao modelo de confinamento vão caducando. A docilização dos corpos imprimida pelas instituições ganha uma complexidade cada vez maior e, ao mesmo tempo, acaba por se produzir de maneira mais sutil, internalizando-se no próprio indivíduo. Os indivíduos disciplinarizados não necessitam mais de instituições que os confinem em razão da falta de disciplina. Neles, já estão instalados uma espécie de ‘guia’ sobre como se portar e agir, pré-escritões de como ser um “homem de bem” inscritas nos corações de cada modo de subjetivação carregado de instituições invisíveis. O indivíduo faz-se disciplinado, sedento por identidades e posto a interagir sobre tal lógica. As instituições estão em nós e só nos resta darmos sequência!?

Assim, as identidades nos dias de hoje já não são tão fixas, como também os espaços antes separados da família, escola e trabalho. Na atualidade o que se espera, então, é uma espécie de agilidade do indivíduo para dar conta das milhares de possibilidades identitárias que são lançadas para si ao mesmo tempo, com as quais permearia todo o sistema em que se encontra encarcerado e para o qual daria sequência respondendo à demanda produtiva. As instituições ficam diluídas em cada corpo viven-

te, restando uma capacidade restrita para expressar um desejo singular e criativo.

Ao contrário das instituições da época predominantemente disciplinar que domavam os corpos a partir da determinação sistemática dos espaços que o indivíduo deveria circular junto à sociedade, na atualidade, está a se produzir um corpo social de “controle contínuo, em favor de uma terrível formação permanente, num regime que nunca se termina nada” (DELEUZE, 1992, p. 216) e no qual o horizonte se expande de maneira infinita. Ou seja, a domesticação agora invade e embaralha os espaços antes separados, transborda-os, com o indivíduo sendo estudante, trabalhador e o que mais for ao mesmo tempo e sem cessar. Deleuze (1992, p. 221) comenta a diferença entre os “moldes” – antigos confinamentos – e as “modulações” – controle atual –, na qual a última se faz de maneira “autodeformante” em contínua transformação, sem determinação de espaços-tempos outrora bem delimitados. As modulações são dinâmicas – em movimento –; já os moldes expressam um tom enraizado em sua máquina de confinamento. Ainda em Deleuze (1992, p. 224), há a seguinte distinção entre os dois mecanismos de docilização dos corpos:

O controle é de curto prazo e de rotação rápida, mas também contínuo e ilimitado, ao passo que a disciplina era de longa duração [...] O homem não é mais o homem confinado, mas o homem endividado.

Endividado em seu tempo de trabalho, de estudo, com suas contas sempre a pagar para fazer rodar a economia, enfim, sufocado diante de um controle que se passa em sua relação com o social na forma de um contínuo não dar conta de tudo que faz, o homem é forçado, então, a sempre estar a pagar por sua incompetência de administrar suas dívidas. É um indivíduo dócil e sujeitado a um sistema que o endivida desde a mais tenra infância, na qual já se vê forçado a andar mais rapidamente, a falar para o papai e para a mamãe qualquer palavra o mais breve possível antes que comecem a pensar que tem algum problema ou atraso no desenvolvimento. Eis o estrangulamento do indivíduo contemporâneo: eternamente em dívida, nunca finalizando nada, absolutamente posto junto a uma lógica de espaço-tempo em constante produção, a qual “não fica centrada na fábrica, invadindo o tecido urbano, os domicílios, se pulverizando e se misturando com o tempo livre” (PELBART, 2000, p. 32).

Novamente, nas palavras de Pelbart (idem, ibidem), o que se passa é “um curto-circuito nas esferas anteriormente separadas, pelas quais o sujeito transitava” e que por sua vez lhe davam a condição de liberdade entre os espaços por ele percorrido. Na atualidade, nessa imbricação dos espaços, o indivíduo não transita mais nos entre-lugares em que supostamente possuía certa liberdade na já ultrapassada sociedade disciplinar; no

caso, está absorto por essa lógica de espaço contínua que lhe deixa numa condição de eterna servidão junto às possibilidades ofertadas pelos mecanismos de produção capitalista.

Dessa forma, as estratégias de controle se refinam de maneira a sustentar toda uma lógica de estabilização do social muito similar ao clássico livro *Admirável mundo novo*,⁹ no qual os solavancos de uma resistência perante tal sistema, num questionamento sobre a sua forma de funcionamento, ficam sem sentido – anestesiados – quase que ridicularizados. Forrester (2001, p. 15) comenta esse artefato instituído pela sociedade de controle através dos meios de comunicação:

Para a propaganda, é muito mais fácil difundir essa convicção de ordem religiosa, segundo a qual estaríamos paralisados, pegos em uma armadilha sem recurso, sem retorno, presos para sempre em um globo sem falhas, como se tudo já estivesse decidido, como se toda vezeidade de resistência só pudesse resultar em fanfarronadas locais, quixotescas e sobretudo inúteis. É como se só nos restasse nos debatermos em vão, prisioneiros de estruturas eternas, de desregulações sem limites, vítimas dessa impressão de “tarde demais”, que nos é permanentemente sugerida. É como se todas as saídas estivessem trancadas ou nos conduzissem a outros claustros ainda mais definitivos.

Nessa perspectiva de controle, toda tentativa de diferir é colocada como inadequada; o que persiste e emerge como possibilidade de existência é a adaptação do indivíduo à demanda produtiva do sistema capitalista vigente. Numa padronização dos movimentos da vida, com os quais se vende a ideia de liberdade, mas que, porém, só é admitida de acordo com as escolhas oferecidas e criadas junto à produção capitalista. Dessa forma, uma liberdade que imprima o novo, ou seja, um deslocamento no que tange a lógica de controle é sempre rechaçada e logo cotidianizada, tal como referimos na história tramada junto aos Melvins. Parece nos ter chegado à estabilização social referida no livro de Huxley, que burocratiza o amanhã na intenção de sempre estar à frente das possibilidades ainda a serem criadas e, que, por sua força intempestiva poderia desestabilizar o cotidiano social. Qual a razão de desejarmos a antecipação do amanhã de maneira tão exacerbada?

Ao que tudo indica, nessa passagem entre a sociedade disciplinar para a de controle, diante do esfacelamento das grandes instituições as quais na atualidade ganharam um formato mole-

9 Livro de Aldous Huxley que conta a história de uma civilização absolutamente estabilizada por conta de seus mecanismos de controle administrados perante a sociedade desde a mais tenra infância a partir de palavras condicionantes. O tema do livro está relacionado ao avanço da ciência e no que isso traz de efeitos para a humanidade.

cular na produção de subjetivação, o que ocorre é sempre uma inadequação das identidades que nos asseguravam em certa estabilização. O que acarreta sempre numa “metaestabilidade negativa” do indivíduo em sua busca inesgotável por formas identitárias. Compramos marcas e produtos que possam dizer quem somos numa produção mínima de satisfação e apaziguamento. No entanto, isso tampouco nos fortifica perante a vida, visto que não nos compõe de uma maneira a nos atualizar diante das problemáticas que o mundo coloca em suas relações, apenas protelando o contato com o sofrimento que a invenção de si mesmo deflagraria.

Nesse sentido, fomos acostumando a aceitar as identidades oferecidas pelos meios midiáticos na atualidade, domesticando-nos a tal ponto de nós mesmos as criarmos. Basta ver os ambientes de relacionamentos proporcionados na internet: Orkut, Facebook, currículo Lattes e outros mais. São forjados a partir da criação de comunidades que dizem o que somos. Somos isso e aquilo, odiamos aquele outro, etc. Estamos presos a este fluxo inesgotável, a um turbilhão de imagens que nos despersonalizam a cada instante e com o qual estamos sempre a correr atrás de um porto seguro, no caso, de uma formatação para nossas vidas, como comenta Pelbart (2000, p. 36):

Consumimos hoje sobretudo fluxos, de imagem, de informação, de conhecimento, de serviços. Esses fluxos formatam nossa subjetividade, revolvendo nossa inteligência e conhecimentos, nossas condutas, gostos, opiniões, sonhos e desejos, em suma, nossos afetos. Consumimos cada vez mais maneiras de ver e sentir, de pensar e de perceber, de morar e de vestir, ou seja, formas de vida [...].

Na sociedade estabilizada do *Admirável Mundo Novo*, a qualquer estado de aflição e sofrimento devido a alguma frustração – pela perda de identidade –, havia a possibilidade de fuga e esquecimento dos padecimentos a partir do soma¹⁰ em seu poder anestésico. Ora, como vemos, nada muito diferente da oferta produzida no sistema capitalista a partir de suas mais variadas marcas e produtos que, por alguns instantes, nos acalmam diante do sempre vazio que parecemos trancafiados. O que essa ânsia por anestésicos produz?

O homem contemporâneo juntamente com a sociedade não suporta os momentos de pausa fora do tempo, nesses instantes de fluxos caóticos em si mesmo que desmembram qualquer tipo de controle identitário com os quais não sabe lidar e que parecem deformar o sujeito de maneira inexorável. Por isso o vir a ser torna-se uma angústia, pois sofre a tentativa de contro-

10 No livro, tratava-se de uma droga produzida em longa escala e fornecida pelo Estado a toda nação mundial. Ela tinha efeitos semelhantes ao álcool e ao cristianismo. No entanto, não dava ressaca e nem produzia culpa.

le: “O futuro está presente e já não se apresenta como um desconhecido, como uma abertura” (PELBART, 1993, p. 33) para o inesperado. Há uma desnaturalização nos processos nascentes das singularidades que possibilitariam aberturas e deformidades numa vulga sociedade estabilizada e pré-formatada. Como Sousa e Ferraz (2010, p. 25) descrevem:

Há um mal crônico que nos assola, o da anestesia da singularidade. Os gestos tornaram-se maquinais, como se algo nos movesse por cordéis. Já não nos sentimos autores de nosso destino [...]

Essa perda de autonomia do indivíduo contemporâneo parece empobrecer o repertório criativo dele mesmo, deixando-o refém dos tais anestésiantes da alma. O indivíduo, então, a partir da leitura deleuziana acerca do que Foucault descrevera como sociedade de controle, sofre de um processo de administração total de seu tempo-espaço, no qual prevê a tudo, estabelecendo posições, lugares, horários, realizando prognósticos, enfim, controlando a si mesmo e o próprio porvir. Nessa marcha dominadora, o surgimento de um ato criativo que desvie de tal padrão controlador da produção da vida fica minguado, quase não resistindo ao aniquilamento do imprevisível – das singularidades –, deixando qualquer ser humano ou coletivo enfraquecido em sua potência criativa e, por isso mesmo, adoecido. Dessa maneira, qual a contribuição de uma clínica homogeneizante a essa sociedade de controle?

Basta novamente olharmos para os moradores do residencial terapêutico e veremos o quanto persistem tratamentos ortopédicos que vão ao encontro de uma sociedade baseada pelo controle, os quais, em sua lógica adaptativa, imaginam produzir saúde a partir de tratamentos que re-enquadrem o indivíduo em sofrimento na dinâmica oferecida pela sociedade. Seja através de medicamentos reguladores do humor e anestésios da alma em seu processo criativo e destoante da lógica imposta, seja a partir de práticas terapêuticas que recondicionam o indivíduo para suas tarefas cotidianas sem o mínimo de espaço para se produzir uma escuta do sofrimento ali demandado.

Uma lógica de controle que entenda o indivíduo adoentado como aquele que não consegue transitar pelos espaços e identidades oferecidas da maneira mais rápida e eficazmente possível. O indivíduo doente é aquele que não consegue administrar o controle perante o inesperado, que não possui estratégias para aniquilar o imprevisível e assim dar conta de seu cotidiano sem sobressaltos. Realmente, suspiros, respiros e pausas não têm vez diante de uma clínica reprodutora da burocratização.

Diante desse panorama é possível vislumbrar uma clínica que se faça resistente a tais procedimentos ortopédicos? Como pensar uma produção clínica que ofereça espaço para estratégi-

as inventivas diante das problemáticas que um mundo cotidianizado em sua sociedade de controle imprime sobre o indivíduo? Com as perguntas feitas, seguimos o fluxo para tentar provocar desvios nessa produção social anestesiadora...

Variações existenciais a transgredir

- Mas eu gosto dos inconvenientes.
 - Nós, não. Preferimos fazer as coisas confortavelmente.
 - Mas eu não quero conforto. Quero Deus, quero a poesia, quero o perigo autêntico, quero a liberdade, quero a bondade. Quero o pecado.
 - Em suma – disse Mustafá Mond –, o senhor reclama o direito de ser infeliz.
 - Pois bem, seja – retrucou o Selvagem em tom de desafio.
 - Eu reclamo o direito de ser infeliz.
 - Sem falar no direito de ficar velho, feio e impotente; no direito de ter sífilis e câncer; no direito de não ter quase nada que comer; no direito de ter piolhos; no direito de viver com a apreensão constante do que poderá acontecer amanhã; no direito de contrair a febre tifóide; no direito de ser torturado por dores indizíveis de toda a espécie.
 - Eu os reclamo todos – disse finalmente o Selvagem.
- (Aldous Huxley em *Admirável mundo novo*)

Um miserável selvagem chega ao mundo supostamente evoluído e sem doenças, com todos os seus habitantes felizes, cada qual adequado à engrenagem da sociedade de maneira a tudo se encontrar assepticamente estabilizado. Parece impensável alguém negar e protestar diante de um sistema tão harmonioso como o encontrado no *Admirável mundo novo*. Somente um selvagem ou indivíduos que em sua formação genética¹¹ possuiriam algum desvio poderiam não se adequar a tamanha satisfação que tal mundo ofertava. Por incrível que possa parecer, esses elementos desviantes resistiam, sabotavam, mesmo não sabendo muito bem o que poderiam forjar de diferente diante da sociedade apaziguada no que tange o plano virtual.

11 Bernard, personagem de *Admirável mundo novo*, sempre se sentiu distante do papel atribuído a sua casta na sociedade, a qual o olhava de maneira a estranhar seus atos e sua condição corporal inferior, colocando a culpa em sua formação genética que parecia ter sofrido um acidente no momento da manipulação fetal. Do mesmo acidente genético Helmholtz Watson sofrera, ocasionando em seu caso, uma superioridade em termos físicos e intelectuais. Entretanto, ele também vivia insatisfeito com a lógica da sociedade, onde em sua angústia tentava compor canções que falassem de algo real, diferente das composições que fazia ao Estado que tinham a intenção de fortificar os condicionamentos administrados aos indivíduos.

Difícil imaginar o impensável proveniente do plano virtual... sobretudo após uma série de condicionamentos sofridos desde a mais tenra infância, os quais elaboram uma espécie de espírito formatado com coisas sugeridas e pré-estabelecidas. Somente um selvagem descondicionado e vindo de “outro mundo” poderia gerar um mal estar ao apresentar outros possíveis. Com o alojamento da diferença advinda da presença do selvagem, Bernard e Helmholtz começavam a questionar com mais vigor os modos de subjetivação dominante e como se instauravam de maneira coercitiva perante o *socius*.

Bernard suspeitava da “fé na felicidade como Soberano Bem”, pois via nela uma natureza anestesiadora da vida (HUXLEY, 2009, p. 273). Para ele, “a finalidade da vida não era a manutenção do bem-estar, e sim uma certa intensificação, um certo refinamento da consciência, uma ampliação do saber”, o que implicaria no risco da desestabilização da sociedade que até ali fora forjada (idem, ibidem). A saber, o bem-estar ofertado pelo Mundo Novo tinha em sua condição a proibição de qualquer tentativa que saísse do previsível, dos condicionamentos embutidos em cada uma das castas da sociedade. O conforto do bem-estar tinha como efeito a absoluta falta de sobressaltos, num controle ativo sobre qualquer ação desestabilizadora. No caso, o *Admirável mundo novo* constituía uma sociedade completamente condicionada ao cotidiano, o que certamente garantia a estabilidade social, mas que aniquilava qualquer força criativa em vias de nascer.

Diante dessa perspectiva, como reclamar o direito sobre as próprias mazelas quando se está num mundo em que os sofrimentos estão fora de questão? Seria possível um espaço para a condição de recusa de certo *modus operandi* hegemônico? De qualquer forma, o que nossos personagens descrentes em relação às maravilhas do Mundo Novo sabiam era sobre a posição de recusa que escolhiam frente a essa sociedade primorosa e sem lugar para imperfeições...

Uma estranha ditadura de Forrester (2001, p. 179) fala sobre o quanto é importante resistir para, num primeiro instante, fazer-se recusar a uma suposta hegemonia propagandeada.

Resistir é, primeiramente, recusar. Hoje, a urgência está em uma recusa que nada tem de negativo, que é um ato indispensável, vital. Ela reside menos ainda em uma receita, um manual de instruções garantindo o sucesso dessa oposição, mas nos riscos assumidos por recusar o inadmissível.

Resistir a uma zona de conforto, ao benefício de viver apaziguado em relação ao que poderá acontecer amanhã, torna-se um ato de ousadia perante o que parece intransponível e determinadamente instituído. Como vemos, resistir é se arriscar ao ainda não nominável, numa recusa ao destino previsto, produ-

zindo territórios existenciais inovadores que irrompem com a lógica dada. Nesse caso, adentra-se no jogo das forças que deslizam sobre o plano instituído e que o deformam, numa experimentação que não se limita em buscar uma outra verdade, mas sim que se afirma como interferência inesperada sobre o que se encontra cotidianizado. Como Barthes (1990, p. 165) alega sobre a “arte do jogar”: está-se ciente do que se está a fazer mesmo não sabendo o que se irá produzir.

Entretanto, não podemos confundir tal ato em seu significado de resistência já institucionalizado, produtor de confrontos inesgotáveis sem apresentar uma recusa inventiva. Recusa negativa como Forrester descrevera acima, numa espécie de resposta ao que se luta contra como comentam Hardt e Negri (2005, p. 98):

O mesmo se aplica à resistência. Ainda que o emprego comum da palavra sugira o contrário – que a resistência é uma resposta ou uma reação –, a resistência é primordial em matéria de poder.

Ficariamos assim, caso a resistência fosse vista como reação, limitados a uma guerra entre opressores e oprimidos. Lógica dualista que por certo não reconhece diferenças e que somente produz sujeitos queixosos em seus ressentimentos perante o poder sempre ao lado de quem os reprime. “Já não dispomos da imagem de um proletário a quem bastaria tomar consciência” para reagir contra os que o dominam e exploram sua força de trabalho (DELEUZE, 1992, p. 213).

Diferentemente disso, tomamos o ato de resistência como um possível nas relações de poder. Nesse entendimento, em matéria de poder, o ato de resistir é certamente importante como nos comentam Hardt e Negri, sobretudo ao pensar o poder a partir da ótica foucaultiana. O poder, então, é algo que está para além de um ato repressivo, diferente de uma atitude verticalizada e imposta por um Estado ou instituição. “O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia” (FOUCAULT, 1979, p. 183).

Para o filósofo francês, o poder está ligado à produção da vida, do homem em suas relações consigo mesmo e com o social. O poder desencadeia produção, processos sócio-históricos em permanente conflito em sua construção caótica. Além de não mais percebidos como algo estático, os embates entre forças que caracterizam o poder produtivo se encontram nos meios mais capilares possíveis. Isto é, são sempre relações de poder que se encaminham à medida que se entrecruzam forças das mais variadas resistências. Como Machado (1979, p. XIV) comenta:

Qualquer luta é sempre resistência dentro da própria rede do poder, teia que se alastra por toda a sociedade e a que ninguém pode escapar: ela está sempre presente e se exer-

ce como uma multiplicidade de relações de forças. E como onde há poder há resistência, não existe propriamente um lugar de resistência, mas pontos móveis e transitórios que também se distribuem por toda a estrutura social.

E é nesse entrecruzamento, nos pontos móveis e transitórios que geram tensões sobre o instituído, que se vislumbra uma composição inseparável entre ética e política. Composição que emerge de um jogo de forças em busca de um sentimento de liberdade, no qual a reversão do que está a imperar sempre é possível via processos inventivos que resistam. Deleuze (1992, p. 122) descreve o poder como o “elemento informal que passa entre as formas do saber” em sua condição instituída – por isso tornando-se “microfísico”. Assim, se constitui enquanto “força”, nunca exclusivamente como “forma”. E é precisamente no plano das forças que se produz a resistência inventiva, a qual se conecta a uma ética da liberdade, atributo próprio das forças ativas que afirmam o novo.

Neste caso, apesar de haver uma subjetivação dominante com toda a sua imperatividade, a partir do tensionamento provocado por forças afirmativas, sempre existe um caminho a se traçar rumo a uma ética libertária. O capitalismo e sua lógica dominante, mesmo que fortemente estratificado no âmago da sociedade, não controla tudo e tampouco pode reprimir forças nascentes em sua potência microfísica. Esse, por sinal, era o temor de Mustafá Mond em seu administrar o *Admirável mundo novo*.

A resistência, em seu sentido atual, se apresenta então como um “vírus de computador, substituindo as greves que no século XIX eram conhecidas como sabotagem”, sendo sempre possível nas relações de poder imperar sua força que invade, rouba, duplica e corrói o interior da lógica dominante (DELEUZE, 1992, p. 216).

Uma espécie de resistência ético-política a criar novos territórios existenciais que interferem sobre um cotidiano dado como resolução geral da vida. Tal resistência não se passa mais numa disputa entre formas nas quais ambas se anulariam ou em que uma acabaria por aniquilar a outra, mas sim numa produção inventiva com a qual se efetiva um desvio na forma até então apresentada uniformemente. Resistência como força deformadora!

Não obstante, seria muito fácil propormos uma guerra contra o cotidiano no que ele tem de burocratizador, sendo necessário compreendê-lo como uma produção do social que em muitos sentidos serve para firmar uma sustentação frente às angústias que não conseguimos dar passagem. Sousa (2001, p. 125) comenta o seguinte em relação ao desejo de proteção diante da transitoriedade do mundo:

Essa tendência do mundo em direção à uniformidade que podemos ler com tanta clareza, seja nos textos científicos

como nas obras de ficção, nos permite focar o princípio inercial e resistencial com que o pensamento se protege da transitoriedade do mundo.

O cotidiano, a burocracia que instalamos em nossas vidas, as instituições para as quais recorreremos não são obra do acaso, elas fazem parte de um desejo coletivo rumo a um ideal de estabilização. Paulon (2002, p. 160) nos remete a pensar o quanto as instituições, nossos “coágulos, estes campos enrijecidos dos repertórios de subjetivação, não podem ser despregados do desejo dos homens que precisaram e quiseram criá-los” em razão de seu sofrimento perante o porvir. No fundo, o administrador Mustafá Mond, do *Admirável mundo novo*, defendia esse interesse “demasiado humano”.

Nesse sentido, Spink (2008, p. 70) comenta que o cotidiano em sua densidade, na sua forma enrijecida, é composto por milhares de possíveis – de “microlugares” – os quais não podem ser vistos apenas como “um contexto eventual – como um pano de fundo” –, pois, seus “microlugares”, dependem, sobretudo, do que nós construímos e efetivamos de maneira “coletiva permanente e sem fim”. Ora vejamos, somos nós mesmos que apertamos o gargalo frente ao temor do amanhã num engessamento no entre dos microlugares sugerido pelo autor. Portanto, criar brechas nesse entre meio dos microlugares se faz necessário, de maneira que possibilite uma disjunção nessa compressão que se forma no todo cotidiano que então nos sufoca em sua previsibilidade acentuada e trancafiadora.

Spink (2008, p. 70) ainda descreve o cotidiano como um “fluxo de pedaços frouxamente interconectados”, no qual sempre há possibilidades de desvios nesse entre lugares conectivos. Para isso faz-se necessária uma “atenção a nossa própria cotidianidade, reconhecendo que é nela que são produzidos e negociados os sentidos” (SPINK, 2008, p. 71). É, sobretudo, onde se passa o cotidianizar-se que devemos efetivar uma resistência inventiva!

Nesse caso, imprimir uma resistência inventiva no “entre” dos microlugares que formam a homogeneização do cotidiano se faz necessário, exatamente no ponto de inflexão entre o assujeitamento e a recusa aos mecanismos disciplinares e de controle. Aí está um campo propício para uma clínica que se proponha resistente a uma condição de vida limitante que burocratiza o amanhã em sua ferramenta de controle. Eis o desafio da clínica em nossa época para que ela não seja uma mera ferramenta reprodutora da sociedade de controle.

Referências

- BARTHES, Roland. *O óbvio e o obtuso: ensaios críticos III*. Traduzido por Léa Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BLOCH, Ernst. *O princípio esperança I*. Traduzido por Nélio Schneider. Rio de Janeiro: Contraponto ed. UERJ, 2005.
- COELHO, Débora de Moraes. *Do esgotamento à ultrapassagem de si: desafios clínicos*. Porto Alegre: UFRGS 2006. Dissertação, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. vol. 3. Traduzido por Aurélio Guerra Neto et alii Rio de Janeiro: ED 34, 1996.
- _____. *Conversações*. Tradução Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1992.
- _____. *Crítica e clínica*. Tradução: Peter Pál Pelbart. São Paulo: ED 34, 1997.
- _____. *A ilha deserta: e outros textos*. Edição preparada por David Lapoujade: organização da edição brasileira e revisão técnica Luiz B. L. Orlandi. Tradução de Hélio Rebello Cardoso Junior. São Paulo: Iluminuras, 2006. (Instintos e Instituições, 1955).
- _____. *Sobre teatro: Um manifesto de menos: O esgotado*. Tradução Fátima Saadi, Ovídio de Abreu, Roberto Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.
- FORRESTER, Viviane. *Uma estranha ditadura*. Tradução Vladimir Safatle. São Paulo: Editora UNESP, 2001.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- _____. *História da loucura: na Idade clássica*. Tradução José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- _____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução Raquel Ramalhe. Petrópolis: Ed. 36, RJ: Vozes, 2009.
- HARDT; NEGRI. *Multidão*. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- HUXLEY, Aldous. *Admirável mundo novo*. Tradução: Lino Vallandro e Vidal Serrano. 3. reimpressão. São Paulo: Globo, 2009.
- KUPERMANN, Daniel. A libido e o alibi do psicanalista: Uma Incursão pelo Diário Clínico de Ferenczi. In: *Pulsional: revista de psicanálise*, n. 168, p.47-57, ano XVI, abril/2003.
- _____. Resistência no encontro afetivo e criação na experiência clínica. In: Kupermann e Tedesco (org.). *Polifonias: clínica, política e criação*. Rio de Janeiro: Contra-Capa, 2005.
- LISPECTOR, Clarice. *Água viva*. Rio de Janeiro: Círculo do Livro, 1973.
- MACHADO, Roberto. Introdução: Por uma genealogia do poder. In: *Microfísica do poder*. Michel Foucault. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979, p. VII-XXIII.
- _____. *Deleuze, a arte e a filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *A gaia ciência*. Tradução: Jean Malville. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2004.

- PAULON, Simone Mainieri. *A terapêutica do niilismo*: apontamentos para uma clínica institucional genealógica. São Paulo: PUCSP, 2002. Tese, Universidade Católica de São Paulo, janeiro de 2002.
- PAVLOVSKY, Eduardo. Criatividade nos grupos terapêuticos. In: HUGHET, Cláudio R., VOLVONICH, Jorge (org.). *Grupos, infância e subjetividade*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.
- PELBART, Peter Pál. *A nau do tempo-rei: sete ensaios sobre o tempo da loucura*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.
- _____. Da claustrofobia contemporânea. In: PELBART, Peter Pál. *A vertigem por um fio: Políticas da Subjetividade Contemporânea*. São Paulo: Iluminuras, 2000.
- _____. *O tempo não-reconciliado*. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- PESSOA, Fernando. *Livro do desassossego*: composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa. ZENITH, Richard (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- QUINTANA, Mário. *Prosa e Verso*. Porto Alegre: Globo, 1978.
- ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental*: transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.
- SILVA, R. A. N.; NARDI, H. C.. A emergência de um saber psicológico e as políticas de individualização. In: *Educação e realidade*, Porto Alegre, V. 29, n. 1, p. 187 – 198, 2004.
- SOUSA, Edson Luiz André de. Uma estética negativa em Freud. In: Edson Luiz André de Sousa, Elida Tessler e Abrão Slavutzky (org.). *A invenção da vida: arte e psicanálise*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2001.
- _____. *A burocratização do amanhã: utopia e ato criativo*. Porto Alegre (UFRGS), v. 24, p. 41-51, 2008.
- _____. *Sigmund Freud: ciência, arte e política*. Edson Sousa e Paulo Endo. Porto Alegre: L&PM, 2009.
- SOUSA, Edson Luiz Andre de & FERRAZ, Paulo Fernando Monteiro. O sonho de Borges e a memória impessoal. In: *Polêmica Revista eletrônica – Laboratório de Estudos Contemporâneos*. V. 9, n. 3, p. 22-31, julho/setembro 2010.
- SPINK, Peter Kevin. O pesquisador conversador no cotidiano. In: *Psicologia & Sociedade*; ed 20, São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, 2008.

TEMAS DOS CADERNOS IHU IDEIAS

- N. 01 *A teoria da justiça de John Rawls* – Dr. José Nedel
- N. 02 *O feminismo ou os feminismos: Uma leitura das produções teóricas* – Dra. Edla Eggert
O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo – MS Clair Ribeiro Ziebell e Acadêmicas Anemarie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss
- N. 03 *O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo* – Jornalista Sonia Montañó
- N. 04 *Ermani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular* – Prof. Dr. Luiz Gilberto Kronbauer
- N. 05 *O ruído de guerra e o silêncio de Deus* – Dr. Manfred Zeuch
- N. 06 *BRASIL: Entre a Identidade Vazia e a Construção do Novo* – Prof. Dr. Renato Janine Ribeiro
- N. 07 *Mundos televisivos e sentidos identitários na TV* – Profa. Dra. Suzana Klipp
- N. 08 *Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho* – Profa. Dra. Márcia Lopes Duarte
- N. 09 *Oligopólios midiáticos: a televisão contemporânea e as barreiras à entrada* – Prof. Dr. Valério Cruz Brittos
- N. 10 *Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo* – Prof. Dr. Édison Luis Gastaldo
- N. 11 *Os 100 anos de Theodor Adorno e a Filosofia depois de Auschwitz* – Profa. Dra. Márcia Tiburi
- N. 12 *A domesticação do exótico* – Profa. Dra. Paula Caleffi
- N. 13 *Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular* – Profa. Dra. Edla Eggert
- N. 14 *Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS* – Prof. Dr. Gunter Axt
- N. 15 *Medicina social: um instrumento para denúncia* – Profa. Dra. Stela Nazareth Meneghel
- N. 16 *Mudanças de significado da tatuagem contemporânea* – Profa. Dra. Débora Kruschke Leitão
- N. 17 *As sete mulheres e as negras sem rosto: ficção, história e trivialidade* – Prof. Dr. Mário Maestri
- N. 18 *Um itinerário do pensamento de Edgar Morin* – Profa. Dra. Maria da Conceição de Almeida
- N. 19 *Os donos do Poder, de Raymundo Faoro* – Profa. Dra. Helga Iracema Ladgraf Piccolo
- N. 20 *Sobre técnica e humanismo* – Prof. Dr. Oswaldo Giacóia Junior
- N. 21 *Construindo novos caminhos para a intervenção societária* – Profa. Dra. Lucilda Selli
- N. 22 *Física Quântica: da sua pré-história à discussão sobre o seu conteúdo essencial* – Prof. Dr. Paulo Henrique Dionísio
- N. 23 *Atualidade da filosofia moral de Kant, desde a perspectiva de sua crítica a um solipsismo prático* – Prof. Dr. Valério Rohden
- N. 24 *Imagens da exclusão no cinema nacional* – Profa. Dra. Miriam Rossini
- N. 25 *A estética discursiva da tevê e a (des)configuração da informação* – Profa. Dra. Nísia Martins do Rosário
- N. 26 *O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS* – MS Rosa Maria Serra BavareSCO
- N. 27 *O modo de objetivação jornalística* – Profa. Dra. Beatriz Alcaraz Marocco
- N. 28 *A cidade afetada pela cultura digital* – Prof. Dr. Paulo Edison Belo Reyes
- N. 29 *Prevalência de violência de gênero perpetrada por companheiro: Estudo em um serviço de atenção primária à saúde – Porto Alegre, RS* – Prof. MS José Fernando Dresch Kronbauer
- N. 30 *Getúlio, romance ou biografia?* – Prof. Dr. Juremir Machado da Silva
- N. 31 *A crise e o êxodo da sociedade salarial* – Prof. Dr. André Gorz
- N. 32 *À meia luz: a emergência de uma Teologia Gay – Seus dilemas e possibilidades* – Prof. Dr. André Sidnei Musskopf
- N. 33 *O vampirismo no mundo contemporâneo: algumas considerações* – Prof. MS Marcelo Pizarro Noronha
- N. 34 *O mundo do trabalho em mutação: As reconfigurações e seus impactos* – Prof. Dr. Marco Aurélio Santana
- N. 35 *Adam Smith: filósofo e economista* – Profa. Dra. Ana Maria Bianchi e Antonio Tiago Loureiro Araújo dos Santos
- N. 36 *Igreja Universal do Reino de Deus no contexto do emergente mercado religioso brasileiro: uma análise antropológica* – Prof. Dr. Airon Luiz Jungblut
- N. 37 *As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes* – Prof. Dr. Fernando Ferrari Filho
- N. 38 *Rosa Egipcíaca: Uma Santa Africana no Brasil Colonial* – Prof. Dr. Luiz Mott.
- N. 39 *Malthus e Ricardo: duas visões de economia política e de capitalismo* – Prof. Dr. Gentil Corazza
- N. 40 *Corpo e Agenda na Revista Feminina* – MS Adriana Braga
- N. 41 *A (ant)filosofia de Karl Marx* – Profa. Dra. Leda Maria Paulani
- N. 42 *Veblen e o Comportamento Humano: uma avaliação após um século de “A Teoria da Classe Ociosa”* – Prof. Dr. Leonardo Monteiro Monasterio
- N. 43 *Futebol, Mídia e Sociabilidade. Uma experiência etnográfica* – Édison Luis Gastaldo, Rodrigo Marques Leistner, Ronei Teodoro da Silva & Samuel McGinity
- N. 44 *Genealogia da religião. Ensaio de leitura sistêmica de Marcel Gauchet. Aplicação à situação atual do mundo* – Prof. Dr. Gérard Donnadiu
- N. 45 *A realidade quântica como base da visão de Teilhard de Chardin e uma nova concepção da evolução biológica* – Prof. Dr. Lothar Schäfer
- N. 46 *“Esta terra tem dono”. Disputas de representação sobre o passado missioneiro no Rio Grande do Sul: a figura de Sepé Tiaraju* – Profa. Dra. Ceres Karam Brum
- N. 47 *O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter* – Prof. Dr. Achyles Barcelos da Costa
- N. 48 *Religião e elo social. O caso do cristianismo* – Prof. Dr. Gérard Donnadiu
- N. 49 *Copérnico e Kepler: como a terra saiu do centro do universo* – Prof. Dr. Geraldo Monteiro Sigaud

- N. 50 *Modernidade e pós-modernidade – luzes e sombras* – Prof. Dr. Evilázio Teixeira
- N. 51 *Violências: O olhar da saúde coletiva* – Élda Azevedo Hennington & Stela Nazareth Meneghel
- N. 52 *Ética e emoções morais* – Prof. Dr. Thomas Kesselring
- N. 53 *Juízos ou emoções de quem é a primazia na moral?* – Prof. Dr. Adriano Naves de Brito
- N. 54 *Computação Quântica. Desafios para o Século XXI* – Prof. Dr. Fernando Haas
- N. 55 *Atividade da sociedade civil relativa ao desarmamento na Europa e no Brasil* – Prof. Dra. An Vranckx
- N. 56 *Terra habitável: o grande desafio para a humanidade* – Prof. Dr. Gilberto Dupas
- N. 57 *O decrescimento como condição de uma sociedade convívial* – Prof. Dr. Serge Latouche
- N. 58 *A natureza da natureza: auto-organização e caos* – Prof. Dr. Günter Küppers
- N. 59 *Sociedade sustentável e desenvolvimento sustentável: limites e possibilidades* – Dra. Hazel Henderson
- N. 60 *Globalização – mas como?* – Prof. Dra. Karen Gloy
- N. 61 *A emergência da nova subjetividade operária: a sociabilidade invertida* – MS Cesar Sanson
- N. 62 *Incidente em Antares e a Trajetória de Ficção de Erico Verissimo* – Prof. Dra. Regina Zilberman
- N. 63 *Três episódios de descoberta científica: da caricatura empirista a uma outra história* – Prof. Dr. Fernando Lang da Silveira e Prof. Dr. Luiz O. Q. Peduzzi
- N. 64 *Negações e Silenciamentos no discurso acerca da Juventude* – Cátia Addressa da Silva
- N. 65 *Getúlio e a Gira: a Umbanda em tempos de Estado Novo* – Prof. Dr. Artur Cesar Isaia
- N. 66 *Darcy Ribeiro e o O povo brasileiro: uma alegoria humanista tropical* – Prof. Dra. Léa Freitas Perez
- N. 67 *Adoecer: Morrer ou Viver? Reflexões sobre a cura e a não cura nas reduções jesuítico-guaranis (1609-1675)* – Prof. Dra. Eliane Cristina Deckmann Fleck
- N. 68 *Em busca da terceira margem: O olhar de Nelson Pereira dos Santos na obra de Guimarães Rosa* – Prof. Dr. João Guilherme Barone
- N. 69 *Contingência nas ciências físicas* – Prof. Dr. Fernando Haas
- N. 70 *A cosmologia de Newton* – Prof. Dr. Ney Lemke
- N. 71 *Física Moderna e o paradoxo de Zenon* – Prof. Dr. Fernando Haas
- N. 72 *O passado e o presente em Os Inconfidentes, de Joaquim Pedro de Andrade* – Prof. Dra. Miriam de Souza Rossini
- N. 73 *Da religião e de juventude: modulações e articulações* – Prof. Dra. Léa Freitas Perez
- N. 74 *Tradição e ruptura na obra de Guimarães Rosa* – Prof. Dr. Eduardo F. Coutinho
- N. 75 *Raça, nação e classe na historiografia de Moysés Vellinho* – Prof. Dr. Mário Maestri
- N. 76 *A Geologia Arqueológica na Unisinos* – Prof. MS Carlos Henrique Nowatzki
- N. 77 *Campesinato negro no período pós-abolição: repensando Coronelismo, enxada e voto* – Prof. Dra. Ana Maria Lugão Rios
- N. 78 *Progresso: como mito ou ideologia* – Prof. Dr. Gilberto Dupas
- N. 79 *Michael Aglietta: da Teoria da Regulação à Violência da Moeda* – Prof. Dr. Octavio A. C. Conceição
- N. 80 *Dante de Laytano e o negro no Rio Grande Do Sul* – Prof. Dr. Moacyr Flores
- N. 81 *Do pré-urbano ao urbano: A cidade missioneira colonial e seu território* – Prof. Dr. Arno Alvarez Kern
- N. 82 *Entre Canções e versos: alguns caminhos para a leitura e a produção de poemas na sala de aula* – Prof. Dra. Gláucia de Souza
- N. 83 *Trabalhadores e política nos anos 1950: a ideia de “sindicalismo populista” em questão* – Prof. Dr. Marco Aurélio Santana
- N. 84 *Dimensões normativas da Bioética* – Prof. Dr. Alfredo Culleton & Prof. Dr. Vicente de Paulo Barretto
- N. 85 *A Ciência como instrumento de leitura para explicar as transformações da natureza* – Prof. Dr. Attico Chassot
- N. 86 *Demanda por empresas responsáveis e Ética Concorrencial: desafios e uma proposta para a gestão da ação organizada do varejo* – Prof. Dra. Patrícia Almeida Ashley
- N. 87 *Autonomia na pós-modernidade: um delírio?* – Prof. Dr. Mario Fleig
- N. 88 *Gauchismo, tradição e Tradicionalismo* – Prof. Dra. Maria Eunice Maciel
- N. 89 *A ética e a crise da modernidade: uma leitura a partir da obra de Henrique C. de Lima Vaz* – Prof. Dr. Marcelo Perine
- N. 90 *Limites, possibilidades e contradições da formação humana na Universidade* – Prof. Dr. Laurício Neumann
- N. 91 *Os índios e a História Colonial: lendo Cristina Pompa e Regina Almeida* – Prof. Dra. Maria Cristina Bohn Martins
- N. 92 *Subjetividade moderna: possibilidades e limites para o cristianismo* – Prof. Dr. Franklin Leopoldo e Silva
- N. 93 *Saberes populares produzidos numa escola de comunidade de catadores: um estudo na perspectiva da Etnomatemática* – Daiane Martins Bocasanta
- N. 94 *A religião na sociedade dos indivíduos: transformações no campo religioso brasileiro* – Prof. Dr. Carlos Alberto Steil
- N. 95 *Movimento sindical: desafios e perspectivas para os próximos anos* – MS Cesar Sanson
- N. 96 *De volta para o futuro: os precursores da nanotecnociência* – Prof. Dr. Peter A. Schulz
- N. 97 *Vianna Moog como intérprete do Brasil* – MS Enildo de Moura Carvalho
- N. 98 *A paixão de Jacobina: uma leitura cinematográfica* – Prof. Dra. Marinês Andrea Kunz
- N. 99 *Resiliência: um novo paradigma que desafia as religiões* – MS Susana Maria Rocca Larrosa
- N. 100 *Sociabilidades contemporâneas: os jovens na lan house* – Dra. Vanessa Andrade Pereira
- N. 101 *Autonomia do sujeito moral em Kant* – Prof. Dr. Valerio Rohden
- N. 102 *As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 1* – Prof. Dr. Roberto Camps Moraes
- N. 103 *Uma leitura das inovações bio(nano)tecnológicas a partir da sociologia da ciência* – MS Adriano Premebida
- N. 104 *ECODI – A criação de espaços de convivência digital virtual no contexto dos processos de ensino e aprendizagem em metaverso* – Prof. Dra. Eliane Schlemmer
- N. 105 *As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 2* – Prof. Dr. Roberto Camps Moraes
- N. 106 *Futebol e identidade feminina: um estudo etnográfico sobre o núcleo de mulheres gremistas* – Prof. MS Marcelo Pizarro Noronha

- N. 106 *Justificação e prescrição produzidas pelas Ciências Humanas: Igualdade e Liberdade nos discursos educacionais contemporâneos* – Profa. Dra. Paula Corrêa Henning
- N. 107 *Da civilização do segredo à civilização da exibição: a família na vitrine* – Profa. Dra. Maria Isabel Barros Bellini
- N. 108 *Trabalho associado e ecologia: vislumbrando um ethos solidário, termo e democrático?* – Prof. Dr. Telmo Adams
- N. 109 *Transumanismo e nanotecnologia molecular* – Prof. Dr. Celso Candido de Azambuja
- N. 110 *Formação e trabalho em narrativas* – Prof. Dr. Leandro R. Pinheiro
- N. 111 *Autonomia e submissão: o sentido histórico da administração – Yeda Crusius no Rio Grande do Sul* – Prof. Dr. Mário Maestri
- N. 112 *A comunicação paulina e as práticas publicitárias: São Paulo e o contexto da publicidade e propaganda* – Denis Gerson Simões
- N. 113 *Isto não é uma janela: Flusser, Surrealismo e o jogo contra* – Esp. Yentl Delanhesi
- N. 114 *SBT: jogo, televisão e imaginário de azar brasileiro* – MS Sonia Montaño
- N. 115 *Educação cooperativa solidária: perspectivas e limites* – Prof. MS Carlos Daniel Baioto
- N. 116 *Humanizar o humano* – Roberto Carlos Fávero
- N. 117 *Quando o mito se torna verdade e a ciência, religião* – Róber Freitas Bachinski
- N. 118 *Colonizando e descolonizando mentes* – Marcelo Dascal
- N. 119 *A espiritualidade como fator de proteção na adolescência* – Luciana F. Marques & Débora D. Dell'Aglio
- N. 120 *A dimensão coletiva da liderança* – Patrícia Martins Fagundes Cabral & Nedio Seminotti
- N. 121 *Nanotecnologia: alguns aspectos éticos e teológicos* – Eduardo R. Cruz
- N. 122 *Direito das minorias e Direito à diferenciação* – José Rogério Lopes
- N. 123 *Os direitos humanos e as nanotecnologias: em busca de marcos regulatórios* – Wilson Engelmann
- N. 124 *Desejo e violência* – Rosane de Abreu e Silva
- N. 125 *As nanotecnologias no ensino* – Solange Binotto Fagan
- N. 126 *Câmara Cascudo: um historiador católico* – Bruna Rafaela de Lima
- N. 127 *O que o câncer faz com as pessoas? Reflexos na literatura universal: Leo Tolstói – Thomas Mann – Alexander Soljenitsin – Philip Roth* – Karl-Josef Kuschel
- N. 128 *Dignidade da pessoa humana e o direito fundamental à identidade genética* – Ingo Wolfgang Sarlet & Selma Rodrigues Petterle
- N. 129 *Aplicações de caos e complexidade em ciências da vida* – Ivan Amaral Guerrini
- N. 130 *Nanotecnologia e meio ambiente para uma sociedade sustentável* – Paulo Roberto Martins
- N. 131 *A philia como critério de inteligibilidade da mediação comunitária* – Rosa Maria Zaia Borges Abrão
- N. 132 *Linguagem, singularidade e atividade de trabalho* – Marlene Teixeira & Éderson de Oliveira Cabral
- N. 133 *A busca pela segurança jurídica na jurisdição e no processo sob a ótica da teoria dos sistemas sociais de Niklass Luhmann* – Leonardo Grison
- N. 134 *Motores Biomoleculares* – Ney Lemke & Luciano Hennemann
- N. 135 *As redes e a construção de espaços sociais na digitalização* – Ana Maria Oliveira Rosa
- N. 136 *De Marx a Durkheim: Algumas apropriações teóricas para o estudo das religiões afro-brasileiras* – Rodrigo Marques Leistner
- N. 137 *Redes sociais e enfrentamento do sofrimento psíquico: sobre como as pessoas reconstruem suas vidas* – Breno Augusto Souto Maior Fontes
- N. 138 *As sociedades indígenas e a economia do dom: O caso dos guaranis* – Maria Cristina Bohn Martins
- N. 139 *Nanotecnologia e a criação de novos espaços e novas identidades* – Marise Borba da Silva
- N. 140 *Platão e os Guarani* – Beatriz Helena Domingues
- N. 141 *Direitos humanos na mídia brasileira* – Diego Airoso da Motta
- N. 142 *Jornalismo Infantil: Apropriações e Aprendizagens de Crianças na Recepção da Revista Recreio* – Greyce Vargas
- N. 143 *Derrida e o pensamento da desconstrução: o redimensionamento do sujeito* – Paulo Cesar Duque-Estrada
- N. 144 *Inclusão e Biopolítica* – Maura Corcini Lopes, Kamila Lockmann, Morgana Domênica Hattge & Viviane Klaus
- N. 145 *Os povos indígenas e a política de saúde mental no Brasil: composição simétrica de saberes para a construção do presente* – Bianca Sordi Stock
- N. 146 *Reflexões estruturais sobre o mecanismo de REDD* – Camila Moreno
- N. 147 *O animal como próximo: por uma antropologia dos movimentos de defesa dos direitos animais* – Caetano Sordi
- N. 148 *Avaliação econômica de impactos ambientais: o caso do aterro sanitário em Canoas-RS* – Fernanda Schutz
- N. 149 *Cidadania, autonomia e renda básica* – Josué Pereira da Silva
- N. 150 *Imagética e formações religiosas contemporâneas: entre a performance e a ética* – José Rogério Lopes
- N. 151 *As reformas político-econômicas pombalinas para a Amazônia: e a expulsão dos jesuítas do Grão-Pará e Maranhão* – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 152 *Entre a Revolução Mexicana e o Movimento de Chiapas: a tese da hegemonia burguesa no México ou “por que voltar ao México 100 anos depois”* – Claudia Wasserman
- N. 153 *Globalização e o pensamento econômico franciscano: Orientação do pensamento econômico franciscano e Caritas in Veritate* – Stefano Zamagni
- N. 154 *Ponto de cultura teko arandu: uma experiência de inclusão digital indígena na aldeia kaiowá e guarani Te'ïkue no município de Caarapó-MS* – Neimar Machado de Sousa, Antonio Brand e José Francisco Sarmento
- N. 155 *Civilizar a economia: o amor e o lucro após a crise econômica* – Stefano Zamagni



Mário Francis Petry Londero é graduado em Psicologia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos (2008). Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul UFRGS (2011), orientado pela professora Dr. Simone Mainieri Paulon. Graduando em Ciências Sociais pela UFRGS. Residente em psicologia na residência integrada em saúde do Grupo Hospitalar Conceição, com ênfase em Saúde Mental – atuando no serviço Consultório

de Rua. Membro do grupo de pesquisa Intervires, ligado ao PPG de Psicologia Social e Institucional da UFRGS.

Algumas publicações do autor:

LONDERO, Mário Francis Petry; PAULON, Simone M. Clínica da resistência: quando o criar resiste ao esgotamento do cotidiano. In: *XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana*. São Leopoldo: Unisinos, 2010, p. 526-541.

_____.; PAULON, Simone M.; WOLSKI, Rafael; Costa, Diogo F. C. ; AINHOREN, Daniela M. Práticas clínicas dos profissionais PSI de equipes de CAPS do RS. In: Maceió. XV Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social, 2009, Maceió. XV Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social – ABRAPSO, 2009, Maceió, Bahia: Abrapso, 2009.

_____.; et al. Implicações do trabalho em equipe para a reforma psiquiátrica. In: XV Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social, 2009, Maceió. XV Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social – Abrapso, 2009, Maceió, Bahia: Abrapso, 2009.



Simone Mainieri Paulon é psicóloga (PUCRS) com mestrado em Educação (UFRGS) e doutorado em Psicologia Clínica (PUC-SP). É professora adjunta da UFRGS, na qual atua junto ao Laboratório de Políticas Públicas do Departamento de Psicologia Social e Institucional, ao PPG de Psicologia Social e coordena grupo de pesquisas Intervires. Integra o grupo de trabalho “Políticas de subjetivação, invenção do cotidiano e clínica da resistência” da Associação Nacional de Pesquisa e

Pós-Graduação em Psicologia – Anpepp. É consultora do Ministério da Saúde junto à Política Nacional de Humanização – PNH.

Algumas publicações da autora:

PAULON, S. M.; COELHO, D.; BECK, F. L. *Quando o mundo se movimenta o vivo estremece*: Narrativas de uma cartógrafa e seu encontro com um coletivo hospitalar. *Aletheia* (Ulbra), v. n. 32, p. 161-173, 2010.

PAULON, S. M.; ROMAGNOLI, Roberta. *Pesquisa-intervenção e cartografia*: melindres e meandros metodológicos. *Estudos e Pesquisas em Psicologia* (Online), v. n. 10, p. 85-102, 2010.

PAULON, S. M. *A Desinstitucionalização como Transvaloração*. *Apontamentos para uma terapêutica ao niilismo*. *Athenea Digital*, v. 1, p. 121-136, 2006.

_____. *A análise de implicação como ferramenta na pesquisa-intervenção*. *Psicologia e Sociedade*, v. 17, p. 16-23, 2005.

_____. Das armadilhas desejantes: capturas e rupturas institucionais. In: Tania Mara Galli Fonseca; Luciano Bedin da Costa (org.). *Vidas do Fora: Habitantes do silêncio*. Porto Alegre: Sulina, 2010, v., p. 247-251.